

## AUTORIZAÇÃO E AUTORIA: ÉTICA E SENSIBILIDADE NA ESCOLHA NO CAMPO

**Silvia Néli Falcão Barbosa**  
[silvianeli@yahoo.com.br](mailto:silvianeli@yahoo.com.br)

**Nazareth Salutto**  
[nazarethssalutto@gmail.com](mailto:nazarethssalutto@gmail.com)

**Alexandra Pena**  
[alexandracpena@yahoo.com.br](mailto:alexandracpena@yahoo.com.br)

### Resumo:

Apresenta a metodologia utilizada para a composição do campo da pesquisa atual do INFOC, destacando a necessidade de critérios éticos e claros para a pesquisa. Levando em consideração que o objetivo desta pesquisa é abrir espaço para que crianças e adultos sejam narradores de suas histórias de vida no que diz respeito a cuidar e ser cuidado, possibilitando escutar múltiplos e diferentes narradores que constituem o universo das instituições de Educação Infantil, fica a exigência de que, desde o primeiro contato, a escuta sensível desses sujeitos estivesse em evidência. Escuta que tira o sujeito do anonimato, traz legitimidade e dá visibilidade às suas narrativas. Em pesquisas anteriores, buscamos instituições produtoras de boas práticas indicadas pelas secretarias de educação de seus respectivos municípios. Nesta pesquisa, a primazia está na relação com os sujeitos que atuam nessas instituições. Mesmo tento como prioridade ir ao encontro de boas práticas, desde o primeiro momento a escolha levou em conta os sujeitos, mais do que as instituições. Notícias de *boas práticas* são nossa estratégia para ir ao encontro das pessoas, pois não vamos estudar as instituições, mas as relações que as pessoas estabelecem com as instituições. Ou seja, o que está em jogo não é a relação com uma instituição específica, mas como as relações com as instituições ressoam no tema do cuidar e ser cuidado. Essa perspectiva colocou os critérios de proximidade e familiaridade como estratégia para escolha das instituições. Esses critérios nos levaram a visitar quatorze instituições, das quais nove foram escolhidas para um primeiro momento exploratório, sendo que seis serão selecionadas efetivamente para o campo da pesquisa. Esse processo nos colocou em contato com uma realidade de espanto por parte desses sujeitos, que não entenderam o porquê de pedir a autorização deles antes de encaminhar a solicitação de pesquisa para a secretaria de educação. A autorização para a pesquisa é, na maioria das vezes, uma ação burocrática junto às secretarias, que estabelecem exigências para o pesquisador entrar no campo, mas não se responsabilizam por como esse pesquisador permanece ou sai dessas instituições. O acúmulo de exigências para entrar e a desresponsabilização ao sair coloca o pesquisador num lugar burocrático, onde tudo ocorre por meio de protocolos e não de responsabilização. Buscar a autorização desses sujeitos coloca-os no lugar de co-autores da pesquisa, como narradores de suas histórias de vida, implicando ética e sensibilidade para a entrada em campo. Ouvir narrativas sobre *cuidar e ser cuidado* implica tomar a ótica do cuidado como estratégia metodológica. Assim, além de discutir a organização dessas primeiras visitas, para embasar a escuta sensível, o texto traz a abordagem de Buber e de Bakhtin, colocando o pesquisador num lugar que exige ética e responsabilidade como fundamento da pesquisa que leva em conta a relação de alteridade como ponto de partida para a pesquisa em Ciências Humanas.

**Palavras chave: Entrada no campo – Ética – Autoria – Responsabilidade**

## 1. Introdução

O objetivo deste texto é discutir o tema da autorização e da autoria no processo que envolve a ética na entrada em um novo campo de pesquisa. Diante do desafio de construir, metodologicamente, um espaço para que crianças e adultos sejam narradores de suas histórias de vida no que diz respeito a cuidar e ser cuidado, possibilitando escutar múltiplos e diferentes narradores que constituem o universo das instituições de Educação Infantil, tornou-se clara a exigência de que, desde o primeiro contato, a escuta sensível desses sujeitos estivesse em evidência. Escuta que tira o sujeito do anonimato, traz legitimidade e dá visibilidade às suas narrativas.

Em pesquisas anteriores, buscamos instituições produtoras de boas práticas indicadas pelas secretarias de educação de seus respectivos municípios. Nesta pesquisa, a primazia está na relação com os sujeitos que atuam nessas instituições. Mesmo tendo como prioridade ir ao encontro de boas práticas, desde o primeiro momento, a escolha levou em conta os sujeitos, mais do que as instituições. Notícias de *boas práticas* são a estratégia para ir ao encontro das pessoas, uma vez que não iremos estudar as instituições, mas as relações que as pessoas estabelecem nas e com as instituições. Ou seja, o que está em jogo não é a relação com uma instituição específica, mas como as relações nas e com as instituições ressoam no tema do cuidar e ser cuidado. Nesse processo, ir ao encontro de práticas de qualidade teve como base o aporte teórico-prático do grupo de pesquisa que define como boas aquelas que se coadunam aos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que tenham a criança na centralidade de sua ação, que tenham escuta para a criança e trabalhem na perspectiva da ampliação cultural (KRAMER, 1997, 2000, 2003, 2009, 2013).

Essa estratégia metodológica tem a ver com o caráter de aproximação do qual está imbuído o projeto. Assim, ao trabalhar com as Histórias de vida, mais do que escolher, buscamos o encontro entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa como algo que se faz também pela empatia. Um encontro que não está dado de antemão, no qual apenas por estarem nesta ou naquela instituição as pessoas já têm em si o lugar de sujeitos da pesquisa. O desafio que se coloca não é o da eleição, da escolha, mas do encontro, da aproximação, da empatia. Essa relação coloca os sujeitos como co-autores da pesquisa, como explicitado por uma das professoras que nos recebeu em uma das creches, ao dizer que *a pesquisa vai ser um trabalho de todos nós juntos*. A aproximação cria

encontros, estabelece parcerias, traz a empatia como critério para essa entrada no campo. A aproximação, que é sempre gradual, nos coloca perto.

As escolas selecionadas, num total de quatorze instituições, compuseram o campo provável, com as quais foi estabelecido contato. A partir dessa primeira visita nove instituições se evidenciaram como campo potencial da pesquisa. Esse foi um procedimento anterior ao processo de solicitação de autorização, junto à secretaria de educação do município, para realização da pesquisa.

Realizadas em duplas, o objetivo das primeiras visitas foi estabelecer um contato inicial, saber sobre a aceitação da pesquisa e ter uma primeira impressão sobre as escolas. Apoiados na ideia de triangulação (FIGARO, 2014), a entrevista realizada em dupla permite que um mesmo dado ou situação seja observado por duas pessoas, dando diferentes possibilidades de percepção e análise. A ação em dupla também favorece a inserção dos novos pesquisadores<sup>1</sup> que podem contar com o apoio e referência de um pesquisador mais experiente. Um questionário organizado para anotar as primeiras impressões trouxe questões importantes para a discussão do grupo na organização do campo, mas o principal destaque foi a surpresa dos entrevistados, de que estivéssemos fazendo contato com eles antes de solicitar autorização para a secretaria de educação.

A autorização para a pesquisa é, na maioria das vezes, uma ação burocrática junto às secretarias, que estabelecem exigências para o pesquisador entrar no campo, mas não se responsabilizam por como esse pesquisador permanece ou sai dessas instituições. O acúmulo de exigências para entrar e a desresponsabilização ao sair coloca o pesquisador num lugar burocrático, onde tudo ocorre por meio de protocolos e não de responsabilização. Buscar a autorização desses sujeitos, como narradores de suas histórias de vida, coloca-os no lugar de coautores da pesquisa, implicando ética e sensibilidade para a entrada em campo.

Ouvir narrativas sobre *cuidar e ser cuidado* implica tomar a ótica do cuidado como estratégia metodológica. Assim, além de discutir a organização dessas primeiras visitas, elas são tomadas como objeto de estudo para embasar a escuta sensível. O texto toma como referência as abordagens de Martin Buber (1982, 2001, 2003) e de Mikhail Bakhtin (1988, 1992, 1997), colocando o pesquisador numa posição que exige ética e responsabilidade como alicerce da pesquisa que leva em conta a relação de alteridade como ponto de partida para a pesquisa em Ciências Humanas.

---

<sup>1</sup> No INFOC, temos alunos de graduação em pedagogia, bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC).

O texto está estruturado em dois itens. O primeiro conta a trajetória de pesquisa do INFOC e apresenta o estudo atual. O segundo discute a relevância da aproximação como estratégia metodológica e apresenta os redirecionamentos metodológicos a partir da entrada no campo.

## 2. Apresentação da pesquisa

Os seis primeiros anos do INFOC foram voltados a três pesquisas envolvendo os processos de alfabetização, leitura e escrita: **“Cultura, Modernidade e Linguagem: o que narram, leem e escrevem os professores”** (1993-1995); **“Cultura, Modernidade e Linguagem: leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação”** (1995-1997); **“Cultura, Modernidade e Linguagem: leitura e escrita de professores em três escolas de formação”** (1997-1999).

Nos anos seguintes, a pesquisa se voltou a políticas e práticas, ora centrando na dimensão macro, com o projeto realizado de 1999 a 2005, **“Formação de Profissionais de Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação”** (KRAMER, 2001, 2005); ora na dimensão micro, com o projeto feito de 2005 a 2008 **“Crianças e adultos em diferentes contextos: a infância, a cultura contemporânea e a educação”** (KRAMER, 2009); ora em ambas as dimensões, com o projeto realizado de 2009 a 2012 **“Infância e Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”**, que fez o balanço da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro, analisando políticas (1999/2009) e instituições (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b).

O projeto iniciado em 2012 (até fevereiro de 2016), **“Estudos comparativos de interações, práticas e modos de gestão em creches, pré-escolas e escolas”**<sup>2</sup>, centra o foco em interações e práticas de crianças e adultos, visando contribuir para enfrentar desafios relativos à qualidade das práticas de Educação Infantil e das políticas públicas de infância e formação.

O projeto de pesquisa atual - **Linguagem e rememoração: crianças, famílias, professores/as e suas histórias** – tem como objetivo geral conhecer a história de vida de crianças, seus/suas professores/as e suas famílias, identificando e compreendendo as

---

<sup>2</sup> Todos os projetos foram realizados com apoio do CNPq e da FAPERJ.

marcas presentes do cuidar e ser cuidado nas narrativas das pessoas que frequentam creches, pré-escolas e escolas.

Propõe-se a ouvir esses sujeitos, suas histórias de vida, no entrecruzamento da experiência e rememoração do processo de educação que implica cuidar e ser cuidado. Com apoio em Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Lev Vigotski e Martin Buber, assume a linguagem como central nas interações sociais. Com o foco na narrativa pessoal de crianças e adultos, o referencial metodológico proposto é o de histórias de vida de crianças e adultos, entendendo que entrevistas - individuais e coletivas - potencializam a narrativa.

Serão entrevistadas cinquenta e quatro pessoas (dezoito crianças, dezoito responsáveis e dezoito professores/as): três crianças (de três a dez anos), três responsáveis (um de cada criança) e três professores/as em cada instituição (duas creches públicas; duas pré-escolas públicas; duas escolas públicas de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil).

Os resultados da pesquisa podem contribuir, de um lado para a construção de um olhar crítico das concepções e ações de cuidar do outro e cuidar de si na Educação Infantil e no Ensino Fundamental; de outro lado, para repensar essas relações, em especial quanto à responsabilidade dos adultos pelas crianças e podem, ainda, fornecer subsídios para políticas públicas voltadas à qualidade das relações entre adultos e crianças em creches, pré-escolas e escolas de Ensino Fundamental e para a formação prévia e continuada de profissionais de educação que atuam com crianças até dez anos.

### **3. O caráter da aproximação como estratégia metodológica: construindo caminhos de abertura no encontro**

Comprometer-se com um projeto que tem como objetivo cuidar e ser cuidado influencia acolher a aproximação como estratégia metodológica. Aproximar-se do outro implica disponibilidade para a escuta e o acolhimento, pois, “aquilo que me acontece é palavra que me é dirigida. Enquanto coisas que me acontecem, os eventos do mundo são palavras que me são dirigidas” (BUBER, 2009:44). Se há sempre uma palavra que me é dirigida, a relação com o outro e com o mundo exige de mim a disponibilidade da escuta.

Imbuídos dessa prerrogativa, os membros do grupo de pesquisa iniciaram o primeiro movimento de encontro com os possíveis sujeitos. Antes disso, porém, o grupo estudou e debateu sobre a natureza desse encontro. Desse modo, mais do que visitar instituições, estava claro que desejavam tomar a escuta como caminho metodológico.

Pena (2015), orientada em Martin Buber, Mikhail Bakhtin e Paulo Freire, toma a filosofia do diálogo dos três autores para discutir o *com*, o *entre* e o *para* como categoria epistemológica do ato de pesquisar profissionais da educação e suas histórias de vida. Com esses três pilares, as histórias narradas, num contexto dialógico que envolve presença e disponibilidade para a escuta faz do encontro entre o pesquisador e as profissionais que narram *um ato responsável* (p.78).

O *ato responsável* foi orientador para irmos ao encontro da gestão e equipe das instituições antes de formalizar a entrada no campo junto à secretaria de educação. A surpresa diante dessa aposta foi manifestada por muitas gestoras: “Vocês estão perguntando se podem vir?”. O caminho da aproximação constitui uma aposta de diálogo honesto e autêntico (BUBER, 2009) na medida em que nos coloca abertos para apresentar a pesquisa e abertos para o retorno desse encontro que envolveu surpresa, acolhimento, mas também recusa. Uma das gestoras que recebeu o grupo mostrou-se interessada na pesquisa. Passados alguns dias da primeira visita, nos procurou para avisar que declinaria, naquele momento, de participar. Diferentemente de entrar em campo autorizados por uma instância burocrática, estar aberto à escuta, que envolve aceitação ou recusa, constitui-se como ato responsável na aproximação e encontro com o outro.

Para Buber (2009) o caráter de *abertura* – categoria conceitual de sua obra – é marca da relação que deveria orientar as ações humanas, caracterizando o que o autor denomina de diálogo inter-humano, que só pode acontecer entre dois seres na aposta do encontro e do diálogo. Isso, porém, não deve se orientar por nenhum tipo de psiquismo ou essencialismo sociológico. Estar aberto ao outro, caracteriza-se como marca humana da responsabilidade de existir, algo em torno do compromisso com e para a vida: “costuma-se situar o que acontece entre homens no terreno do ‘social’, atenua-se com isto uma linha de separação de importância fundamental entre dois domínios essencialmente diferentes do universo humano” (BUBER, 2009:135).

A aproximação, desse modo, estabelece a empatia com os sujeitos pesquisados, construída como categoria metodológica do encontro e não imposta por outrem. Nesse sentido, a aproximação caracteriza o processo de confiança gradual: estar perto, sem

invadir. Interessar-se pelo outro e favorecer o espaço – o entre – para que ele construa o desejo de participar desse encontro também, o que implica o face a face dos dois lados desse encontro de pesquisa, pois

a verdadeira responsabilidade é sempre responsabilidade diante do outro [...]. Isto significa que o ponto até onde chegamos está relacionado com a realidade do centro e da relação ao centro, que devemos encontrar novamente. Responsabilidade no verdadeiro sentido. Responsabilidade da última realidade humana [...]. Tudo o mais é pessoal, tudo o mais cada homem individualmente deve decidir por si próprio e é uma questão de tempo, dependendo da situação, de seu talento, de suas possibilidades, de seu lugar, de seu momento (BUBER, 2008:79).

A entrada no campo com um tempo que não é imediato coloca essa metodologia em relação direta com a questão da memória. A velocidade nos tira a memória, nos assalta e nos empobrece de experiências que possam ser narradas. Já a entrada no campo que nos coloca perto pela empatia, pela aproximação, pela palavra vai tecendo essa relação na perspectiva do cuidado enquanto escuta, enquanto *ato responsável* com esse outro que está diante de mim.

O tempo de cada um parece ser a medida para o encontro. Um ponto para onde se pode ir, ou não, pois *tudo o mais é pessoal*. Mas, não há caminho pessoal que não leve ao outro. E, ir até o outro deve ser uma trajetória de responsabilidade, tanto na pesquisa como na vida. E essas duas tarefas não devem dialogar?

A validação desses sujeitos para que a pesquisa aconteça em suas instituições desloca a autorização do lugar de hierarquia para um lugar de reciprocidade. A pesquisa não é imposta, de fora, mas algo que se tece nas relações de alteridade. Esse modo de chegar contrasta com a realidade encontrada nas escolas que, de modo geral é de precariedade: da formação, dos espaços, das condições, dos vínculos profissionais.

[...] Em 2015 consegui levar a minha turma para brincar no pátio da escola de ensino fundamental que fica lá na entrada da comunidade, mas esse ano não houve adesão. Assim, as coisas que a gente faz vão se perdendo, por não termos uma identidade. Eu faço por mim, mas não é a creche como um todo. No município é muita solidão, aqui também é muito assim... sozinha [...] Falta continuidade para as propostas. O município não tem uma identidade, cada escola faz de um jeito e na mesma escola acaba acontecendo isso também, cada um faz do seu jeito (Carolina: professora do berçário de uma das creches visitadas<sup>3</sup>).

---

<sup>3</sup> O nome é fictício.

Num contexto no qual a identidade dos profissionais se perde em meio a tantas incertezas, solidão, precariedades, a autorização para que a pesquisa aconteça desloca esses sujeitos para o lugar da autoria e para o registro da fala de uma das diretoras entrevistadas: *a universidade deveria vir mais às escolas, porque essa parceria é muito importante.*

A entrada cuidadosa no campo requer que se faça um inventário (CORSARO, 2005), pois é sempre algo anterior, resultado de reflexões e decisões que exigem o olhar informado do pesquisador tanto quanto o seu bom senso (BARBOSA, 2004). No entanto, quando a escolha metodológica recai sobre as Histórias de Vida, a relação de alteridade será sempre resultado do encontro, da aproximação, da empatia que conduz à narrativa.

Desse modo, caminhamos no sentido de abrir espaço para que a entrada no campo tenha, antes de tudo, o cuidado com o outro como parte de uma metodologia que se ancora mais nas relações, no encontro do olhar e da voz dos sujeitos que narram suas histórias.

Assim, ir ao encontro das pessoas e não das instituições marcou decisivamente o contorno deste projeto de pesquisa em construção. O impacto positivo por termos apostado no encontro como aproximação, revelado na surpresa e na recepção dos sujeitos nos levou a assumir outras estratégias: estar presente e apresentar o projeto aos professores e equipe das instituições nos grupos de estudo; fazer as primeiras observações das crianças nos momentos de pátio, nos quais acreditamos que as crianças possam ter maior liberdade; fazer o primeiro contado com as famílias através das reuniões de pais. Questões que estão em andamento e em estudo, no tempo sinuoso e necessário do germinar das relações.

#### **4. Considerações finais**

A escrita deste texto acontece no momento de definição do campo da pesquisa. Nesse percurso, a leitura das Metas e Indicadores do projeto reforçou a proposta de conhecer as realidades vividas pelas crianças, professores e pais, ouvir suas narrativas. Por esta ótica, o desafio é escapar de fazer uma pesquisa sobre as intuições, pois o objetivo são as relações. Assim, com o intuito de compreender as marcas do cuidar e ser cuidado a partir de histórias de vida de crianças, seus/suas professores/as e suas famílias, buscamos uma metodologia que levasse em conta mais os sujeitos do que as



instituições, o que nos levou à proposta de chegar às instituições através das pessoas. Mas, quem serão estas pessoas que com suas narrativas nos darão a conhecer suas histórias de vida? Que marcas do cuidar e ser cuidado serão indicadores da reciprocidade dessas ações na vida cotidiana das crianças, suas famílias e seus professores? Com esses critérios, o grupo se mobilizou na busca de pessoas que pudessem compor este campo de investigação e através delas chegarmos às instituições e não ao contrário.

Assumir essa posição é um passo importante na pesquisa e para o próprio grupo. A escola, seja de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental, se encontra em um emaranhado de conflitos, de problemas de gestão, de práticas comprometidas por uma formação que se sabe ainda deficitária, políticas que caminham em direção contrária, muitas vezes, às demandas das populações atendidas. Realidades já apontadas e questionadas em pesquisas anteriores do próprio INFOC (KRAMER, 2001, 2005; KRAMER, 2009; NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011a; 2011b). Diante de injustiças, abandonos, desmandos, corrupção, incertezas na sociedade em geral, dar visibilidade ao que há de positivo, de ousado, de humano nas práticas escolares é fazer o caminho inverso ao fluxo comum, é apontar a autoria frente ao automatismo desses tempos.

Ao tomar as pessoas como premissas do trabalho de campo desta pesquisa, percebemos que a primeira visita inaugurou o tempo de aproximação com o campo antes deste ser marcado pela burocracia. Ou seja, após a primeira visita, diante da surpresa de algumas gestoras com o pedido de suas autorizações, compreendemos que o *ato responsável* instaurou um campo anterior à formalização da secretaria de educação.

Algumas questões se destacam dessa trajetória inicial desta pesquisa:

- Os sujeitos não estão dados de antemão apenas por estarem nessa ou naquela instituição, mas também não serão escolhidos, eleitos. O desafio que se coloca não é o da eleição, da escolha, mas do encontro, da aproximação, da empatia.
- Se por um lado, na dimensão burocrática, a ação é a mesma para todas as instituições, a compreensão de que cada escola é uma cultura e um universo diferente, no que diz respeito à relação a ser estabelecida com as escolas poderemos ter estratégias diferenciadas, levando em conta os sujeitos envolvidos.

- Uma certeza metodológica se faz presente: no caso das Histórias de Vida, o caminho do encontro entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa é algo que se faz pela empatia, pelo encontro, pela aproximação.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Hacia una filosofía de la acto ético. De los borradores y otros escritos.** Barcelona, ANthropos, Universidad de Puerto Rico, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, S. N. F. **Nas tramas do cotidiano: adultos e crianças construindo a Educação Infantil.** Dissertação de mestrado em Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

BARBOSA, S. N. F. **“Vem, agora eu te espero” - Institucionalização e qualidade das relações na creche: Um estudo comparativo.** Tese de Doutorado. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 222-232 (Obras escolhidas, v. I).

BRASIL/MEC/CNE/SEB. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/CNE/SEB, 2009.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, M. **El camino del ser humano y otros escritos.** Tradución y notas Carlos Díaz. Salamanca, Kadmos, 2003.

BUBER, M. **Eu e Tu.** Introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, M. Da função educadora. Tradução Moacir Gadotti e Mauro Ângelo Lenzi. **Revista Reflexão**, Campinas, n. 23, pp. 5-23, maio/ago, 1982.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91 (mai./ago.), 2005, pp.443-484.

FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras**, estudos midiáticos 16(2), pp. 124-131 maio/agosto 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2014.162.06/4196> Acesso em: setembro 2016.

KRAMER, S. (org.) **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação.** São Paulo: Ática, 2005.

KRAMER, S. (org.) **Retratos de um desafio.** São Paulo, Ática, 2009.

KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. (orgs.). **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 51-81.

KRAMER, S. Educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. In: FREITAS, Maria Teresa (org.). **Educação, vida e arte em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, pp. 29-46.

KRAMER, S. et al. Educação Infantil e formação de profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações. **Relatório de Pesquisa**, FAPERJ: Rio de Janeiro, 2011.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In: PAIVA A.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, C. (orgs.). **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 9-34.

KRAMER, S. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1997, pp. 13-38.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; KRAMER, S. Políticas públicas municipais de educação infantil: um balanço da década. **34ª Reunião Anual da Anped**. GT 7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos. Natal, RN, 2011a.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; KRAMER, S. **Relatórios de pesquisa**. Rio de Janeiro: Traço e Cultura, 2011b.

PENA, A. C. **“Para explicar o presente tem que estudar a história do passado”: narrativas de profissionais de escolas comunitárias de Educação Infantil da Baixada Fluminense**”. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2015.